



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Galeto da Porto—Paga de Sousa
Vales do Correio para Cete—Preço 1400

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvarez R. Santa Catarina, 628—Porto
Visado pela Comissão de Censura



Um dos mais velhos

O Professor Artindo, acaba agora mesmo de arranjar o rádio. O nosso rádio. O *Tiroliro* mexeu-lhe, e o resto já se sabe... O *Tiroliro* não confessa, mas também não nega. Perguntado sobre o incidente, cala-se. É uma fase progressiva. Quando chegam, mentem a pés juntos. Veem da rua. Da Mestra. Volvidos tempos, já assim não fazem. Põem os olhos no chão. Deixam-se penetrar. Até que vem, finalmente, a confissão nobre e franca. *Fui eu.* O *Tiroliro* há-de lá chegar. Outros teem, porque não é ele? Veem da mesma escola. Estão agora, na mesma escola. Porque não?

Pois o Artindo compoz o instrumento. É preciso haver um pau para toda a colher nas casas aonde há mãos para todos os desastres. Compoz, e eu tive ocasião de me deleitar, naquela noite.

A's vinte horas precisas, oiço uma reportagem da *Mocidade* e escutei. Era um senhor a definir e a denunciar o garôto da rua. Falava em miséria do corpo e em miséria da alma, e fazia a descrição das duas muito bem feita. Eu deleitava-me, não por ouvir falar desta desgraça, mas sim por conhecer que outros, muitos outros, trabalham agora para nos livrarmos dela.

O locutor, dizia com muita graça e muita propriedade, que as palavras já não passam e o que se quer são obras. Apelava para a *Mocidade* e falava em casas de adaptação ao trabalho para os rapazes da rua, em todas as cidades do país.

No verão passado, em uma das praias aonde fôra pedir, apareceu-me um Senhor de muita autoridade,—o Director Geral da Policia de Segurança. O assunto da nossa conversa, foi a miséria do corpo e a miséria da alma dos pequeninos vadios da rua, cujo mal aquele Senhor compreende e deseja remediar. Falou-me dêle como quem tinha brazas na mão: *que lhes havemos de fazer?!*

Tenho na minha mão um rôr de cartas dos Comandos dos Albergues Distritais da Policia de Segurança Publica, Comandos da Guarda Fiscal, Camaras Municipais, Capitánias do Porto, Quartéis, Magistrados das Comarcas, todas e cada uma delas com as armas da Nação, aonde se fala da miséria do garôto ou garotos porque se interessam.

Cartas particulares, nem é bom falar. Elas são de todos os dias. Já agora, que falamos em cartas, torno a dizer que não deve estranhar a falta de resposta, quem quer que nos tenha pedido um lugar. Sobretudo aos sacerdotes meus irmãos, que põem tanto zêlo nos pedidos que fazem, para esses vai toda a minha pena de não responder.

Segue-se de tudo quanto aqui se diz, que muitos são os que desejam trabalhar na recuperação do rapaz perdido, mas nem todos são idoneos para isso. Mesmo aqueles or-



Rapaz

A casa diz por fora OFICINAS. A palavra não foi colocada para inglês vêr. Não foi não senhor. Que o digam o Rodrigo de Cesar, o Manuel de Lisboa, o Maximino de Paços de Ferreira, mai-lo Orlando da cidade de Luanda. Este Orlando é neto da celebre enfermeira inglesa *Nightingale*. As voltas que o mundo dá! Já cá tinha um irmão, vadio dos caminhos, que veio aqui ter pelo seu pé, há coisa de um ano. Escolheu o officio de carpinteiro e é êsse o officio que tem. O Orlando, escolheu alfaiate, e lá está êle imediatamente ao pé do mestre. É o mais pequenino. Quem quizer ver os ferreiros e os carpinteiros e os sapateiros, vá ó cinema, na altura em que andar a fita da CASA DO GAIATO. Lá é que vem tudo a mexer e a falar.

CANTINHO DOS RAPAZES

O Cantinho de hoje, é feito especialmente para os rapazes do Lar do Porto, por ser de entre eles que saiu o caso da presente lição. Sabeis que um dos vossos camaradas, se encontra actualmente em Paço de Sousa a sofrer um castigo. A falta que êle cometeu, foi-lhe totalmente perdoada; o vosso companheiro dirigiu-se à presença de um padre espiritual com o fim determinado de obter, e obteve o perdão. A culpa foi-lhe perdoada. Mas a pena, essa não. Está agora a sofrê-la na Casa de Paço de Sousa. Espera-se que êle a sofra decentemente, por convicção, com humildade, para assim se emendar.

Queridos filhos, vós que estais a trabalhar em casas que vos empregam e que, à noite, frequentais as escolas,—para cada um de vós é a lição do vosso irmão castigado. A liberdade que gosais debaixo da nossa bandeira, chama-vos à responsabilidade. Nós não passamos nada a nenhum. Num instante podeis cair no perigo de ficar sem o beneficio do emprêgo e da escola. A nossa regra é suave: *Tudo vos é permitido.* Porém, cautela. Muita cautela. A derradeira palavra da nossa regra exige-vos muita vigilância: — *menos pecar!*

Este numero do 'Gaiato' foi visado pela Delegação de Censura do Porto.

As nossas "alminhas"

A' beira do caminho principal da aldeia, estão as *alminhas*, como prova de devoção dos nossos visitantes. Tomei a chave da porta das esmolas, para abrir: notas, moedas, uma pequenina medalha.—Devoção dos visitantes. O nosso aglomerado não seria uma aldeia portuguesa sem as *alminhas* mai-lo cruzeiro. Capela, não se discute. O pavoroso desmoronar de hoje, sómente pode ser combatido pelo culto da tradição. Regresso aos costumes sadios. Regresso à crença dos que nos precederam.

Alminhas da nossa aldeia, quanto vos não quero eu!

Muita gente há-de vir aqui de longe, cumprir seus votos. Hei-de celebrar vezes sem conta na Pedra do Sacrificio da capela, pelas suas intenções. Eu acredito no dogma do Purgatório. Aonde havemos de expiar adequadamente a pena das nossas culpas? Aonde depurar? Como aparecer à Beleza Incrriada?

Ele é verdade que nesta doutrina, fica sempre de pé uma dificuldade, a saber: o tempo na eternidade. Sim; fica. Mas o essencial da fé divina não é resolver dificuldades. É mas é compreender que elas estão na mão de *Quem* as resolve a nosso favor. Isso é que é. Regresso aos costumes. Regresso às tradições. A fé mergulha aqui. É uma verdade que vem na gêma. Um caso: Topo uma mulher do nosso povo. Conversamos sobre coisas. Gosto de falar com a nossa gente do campo, custodios da tradição. A palavra é antiquada, sim, mas muito adequada. Miro, nos pés dela, calçado estranho. Quiz saber. Que era? Tinham-lhe oferecido um par de sapatos. Aceitou, mas transcreveu-os em tamancos.

Eu não podia usar sapatos e fiz deles

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA



Este edificio não precisa de apresentações nem de explicações.

Apresentações, porque tem letreiro. Diz por fora do que se trata.

Explicações, porque as oficinas são o complemento necessário de uma obra de educação desta classe de gente. Há um defeito na obra; são os vidros! Muitas vidraças! As portas são todas envidraçadas. O resto já se sabe...

Do que nós necessitamos

Mais um saco de castanhas. Oh riqueza de merendas! Mais dois pacotes de agasalhos dentro dos quais vinha um lindo pulover feito à mão, a dizer que era pró *Piolho*, pela sua boa acção. O *Piolho* é do Lar do Porto. Se eu lhe não entrego o pulover antes desta notícia, muito terei de ouvir! Ele é um piolho muito refilão.

Mais 20\$00 para os Pobres. E' de *alguem* que faz igual remessa para a Casa de Miranda, todos os meses. Letra e dizeres são iguais: *Peço o favor de aceitarem!* Mais ofertas em coisas e dinheiro, no *Deposito*. Mais 500\$ da rainha do Mondego. Mais 500\$ da Invicta. Sim senhor. Cumpri. Mais 2.500\$ na dita, de um Senhor amigo da *Obra da Rua*, a quem fui pedir um favor. Ia buscar lá e... trouxe mais lá; aqui não há tosquias!

Nas ruas, enquanto passo, há gente que me mete a mão nas algibeiras com muita frequencia.

Eu cá deixo. Quem fica roubado são mas é eles. Mais uma aliança de ouro, do Caramulo. Dentro dos dois pacotes acima inumerados, vinha uma nota de 50\$, — *a minha oferta do Natal*. E' a primeira. Azeite. Quem nos oferece dêle prás rabanadas?! Consta que na região do Douro, tantas foram as azeitonas, quantas são as folhas das oliveiras! Eu digo como se faz. O senhor ou a senhora que tiver a devoção, manda o nome da terra, o dito da estação da C, P. mai-la quantidade que quere dar. Por minha vez, dirijo-me aqui à comissão reguladora, pelas guias. Pago elas, mando à origem e ai vem o azeite. Já assim aconteceu com um senhor de Lamego. Ele há mais senhores em Lamego, e senhoras também.

Mais, em o *Deposito*, alguns envelopes com algum dinheiro. Mais uma romaria de visitantes, no domingo passado. Ao chegar de fóra, o *Pirulas* foi o primeiro: *eram doze automoveis!* E desfia os acontecimentos por palavras suas, que são as mais engraçadas. Dentro de um dos envelopes que os senhores deixaram, vinha um a dizer assim: *eu quero pagar os sapatos que você comprou*. Na verdade, em um destes dias, entrei numa loja, no Porto, a comprar uns sapatos e fiz ali, na loja, contas do Porto. Alguem que soube do acontecimento, veio cá trazer o dinheiro! Não se sabe ao certo quem foi, mas caem graves suspeitas na *senhora* do Amandio. Este, há dias, informou e disse-me que quando eu receber bilhetes a dar coisas, *é tudo da minha senhora*. Eu acho deliciosas estas designações. *A senhora do mel, a senhora do senhor das botas, a senhora dos brinquedos. A minha senhora*: No dizer deles são Mães, às quais, por reverencia, chamam senhoras. Mais 50\$ de um rapaz do Banco X. Mais uma caixa de vinho de missas; é a segunda. Mais uma remessa de 200 garrafas vazias; é a quarta.

Quanto a porcos, — trez vezes nove vinte e sete! Temos tido vacas e carneiros e ovelhas e perús e cães e coelhos e gatos e pombas e galinhas. Já tivemos com sua licença um burro. Também já tivemos dois bacoros, sim senhor. Mas porcos, verdadeiramente porcos, nada.

E mais nada.



UMA CARTA

«Aqui há tempos pratiquei a indelicadesa de devolver uns numeros do «Gaiato», que recebi em minha casa. Procedi assim por que ignorava tratar-se de Obra meritória e tão altamente simpática e julguei, sem mais exame, que seria uma dessas publicações, tantas vezes indesejáveis, que frequentemente nos chegam às mãos. Agora que fui informado do que é o «Gaiato», apresso-me a apresentar as minhas desculpas e a enviar-lhe o preço da minha assinatura».

Ninguem pode amar aquilo que não conhece. São frequentes as cartas deste teor. Se publicamos a de hoje, é só por amor da categoria do futuro apaixonado: um Vice-Almirante da nossa armada! Temos, realmente, muitas devoções. São nomes tirados de extensas listas que nos enviam de varias terras, com aviso amigo: *mande que talvez assinem*. A gente assim faz, mas os senhores ou as senhoras julgam tratar-se de *mais uma publicação indesejavel* e lá regressa o *Gaiato* de orelhas baixas, a dizer que o não quiseram. Como podem amar aquilo que não conhecem?! Culpa, teriam, sim, se depois de ler uma vez, deixassem. Seria um gosto anti-social. Mas

MAIS OUTRA CARTA

«...E que impressão magnifica trouxemos da Casa do Gaiato! Grande obra, tão grande, que não pode ser sua — é de Deus. Realmente a obra não tem a imperfeição das coisas humanas: é o próprio «Evangelho a andar». Sai-se da Casa do Gaiato com mais fé em Deus e nos homens, sai-se melhor!

«Um grande optimismo afaga-nos como uma benção. Se é possível fazer tanto do garoto da viela, quanto mais nós podemos e devemos fazer de nós mesmos! Por isso, você com a sua Obra, não educa só os seus gaiatos, educa-nos também a nós, educa Portugal inteiro».

Adriano

Por ser de quem é, — Lente da Universidade. Pela missão que tem, — educar os novos. Pelo doce nome que seus filhos lhe dão, — é Pai de familia.

Por tudo isto e também por ser luz de colocar sobre o alqueire, vai ela mundo em fóra, nas azas de *O Gaiato*, luzir e arder entre as multidões que se sentem à beira dos mortos, — para que se levantem e vivam. E' só porque nela vem a dizer que a Obra é o próprio Evangelho a andar; é só por causa desta afirmação, digo, que se publica sem receio a parte final. Não há o perigo de se cair em vaidades. Deus dá a sua graça aos humildes. Retira-lhes da vista degraus apetitosos e perigosos para que não subam por eles. *Educar Portugal inteiro!* Oh! degraus!

As cartas que nós aqui recebemos todos os dias, dariam para fazer um *Gaiato*, que seria devorado de ponta-a-ponta, a chorar de alegria. Sim. O Evangelho, arranca destas lágrimas. O mundo não as tem assim. Está aqui uma, de um outro senhor, a confessar que é um descrente e que deseja ter fé. *Peça aos seus rapazes que rezem a Deus por mim*. Confiam-se hoje missões divinas, aos que foram ontem das vielas! E' o Evangelho a andar. Há dias, um cavalheiro, depois de oferecer bolos a um dos nossos e de insistir para que tomasse, perguntou-lhe, diante da sua recusa:

—E se tu tivesses fome?

—Se tivermos fome, compramos de comer e damos contas. Isto deu-se com um dos vendedores do jornal. O senhor falou-me, admirado ainda do que presenciara. *Se não tivesse visto não acreditava*, disse.

Pois eu cá não vejo nada destas coisas, e acredito.

Se elas não acontecessem tal qual, teriamos que milhares de gerações tem vivido e vivem enganados por via do Evangelho.

Era de uma vez um leproso, que foi ter com um profeta, a ver se este o curava. Era rei. Levava consigo um sequito oriental. O profeta ouviu o recado. Não saiu ao encontro, nem mandou entrar.

—Que se lave 7 vezes no Jordão.

—Ora essa! Agua também lá temos.

O rei não acreditou na palavra simples do profeta. Queria cerimónias. Ora aqui está. Nós também queremos cerimónias. Não acreditamos na simplicidade do Evangelho. Andamos todos enganados.



CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

ganismos que dispõem de largos meios e de máquinas bem montadas, pode acontecer que nem esses sejam idoneos. Justamente porque se trata de *miseria das almas*, só os mestres de almas são as pessoas indicadas. O Padre. O Padre, com as suas qualidades e com os seus defeitos. Por qualidade, quero dizer aquela, imponderável, do sacramento da Ordem. Por defeitos, todos nós os conhecemos. São os defeitos do homem.

O Garoto da rua tem de ser evangelizado, para ser verdadeiramente um recuperado. Eles são terreno de missão. E' uma obra de missionários, aonde os Bispos tem a palavra. O que Eles não fizerem, ninguem faz.

Aqui deixo o meu humilde e aflito S. O. S.



isso, que me lembre, apenas aconteceu duas vezes. Dois senhores, um do Porto e outro de Viana do Castelo, devolveram o jornal com cartas, cada um a sua, onde davam as suas razões e com elas, duas valentes caqueiradas. Apanhei e calei me muito caladinho, à espera de mais.

De como foi a prodigiosa do prodigioso

Mais do que o costume. Um verdadeiro prodigio do saber e do zêlo dos nossos catraios. 2074 jornais, com 1.149\$90 de sobras, com 46 livros despachados, com 7 assinaturas pagas, com 10 novos assinantes, 2 dos quais do Rio de Janeiro. Oh faina!

Oscar e Amadeu, que andaram um tempo mansinhos, tornaram-se a pegar. Vai o Oscar à frente com 225 jornais e o Amadeu logo atrás, com 206. O Zé Sá, tornou-se a meter nos correios, e despachou desta vez 86 exemplares! O Ernesto, anda mortinho por se meter, mas já declarou, lealmente, que só o fará em dias que o Zé Sá não vá vender. Assim sim. O Zé Sá disse que fora pedir licença ao Director Geral! Geral do Porto, já se vê. O Zé Sá é do Porto. O Porto é que é. Lisboa não conta.

O Amandio é simplesmente delicioso, a contar à gente episódios da venda: *Um senhor disse-me tira lá isso da minha frente. O jornal só trás storinhas.*

O Zé Eduardo, ouve o relato e vai imediatamente: *Diz a esse senhor que são mas é lições; não são storinhas.* Eu cá pasmei do saber do rapaz.

E mais diria, se não fóra o ter de deixar espaço para que os outros também possam dizer.



AINDA OUTRA CARTA

«Atendendo à grandesa da Obra quer material, moral e espiritualmente, não pude resistir por mais tempo à tentação de contribuir com o meu insignificante esforço — o que todos devem fazer — para que essa Obra que é já conhecida quasi em todo o mundo, tome tais proporções que dentro em breve não se encontre pelas ruas um só gaiato abandonado. O insignificante esforço de que acima lhe falo, consistiu em me abeirar dos que trabalham na Empresa Fabril do Norte, L.da — Senhora da Hora, onde me encontro também, e falar-lhes da «Casa do Gaiato».

«Quase todos deram. Rendeu o peditório a quantia de 1.178\$30 — mil cento setenta e oito escudos e trinta centavos — que com imensa alegria lhe envio em vale do correio.»

Falam as migalhas, sangue de trabalhadores. Dizer mais alguma coisa seria estragar tudo quanto disseram os operários da Empresa Fabril do Norte, L.da.



As nossas alminhas

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

uns socos. Podia sim senhor. Quantas delas não passam levanamente de socos a sapatinhos e de lenço a chapéusinho — quantas!

Mas esta, não. Amor aos costumes. Fidelidade à tradição: *não posso usar sapatos*. Arqueei. A despedida, vai ela assim: *olhe que eu já botei um tostãozinho nas suas alminhas!* Fé no dogma. Fé na tradição.



Peditórios

Na igreja do Bonfim correu tudo às mil maravilhas. Tem lá microfone. As palavrinhas iam direitas ao coração e escancaravam as algibeiras — seis contos e quê.

Fiquei logo sem nada. O Lar do Porto é uma loba. *Olhe esta conta*. Era tinha. A conta da depelição dos nossos tinhosos. Eu cá voto pelo que disse há tempos o *Periquito*: salvar o pequenino repelente para não ser repellido. Se com dinheiro isso é possível, pois gaste-se dinheiro. Deixei-o ficar todo. Só tirei vinte e cinco tostões em prata pró Zé Eduardo, que me não largou enquanto eu andei com a saca na mão. *Ande lá, são duas no tostão*. Comprou 50 castanhas.

Mas vem lá o peditório nos Postos Emissores. Quero ver se ali me salvo dos comilões. Espero seja no próximo dia 22.

CRÓNICA DO LAR DO PORTO

Rua D. João IV, 682

Os nossos pobres

Em resposta ao apêlo que fizemos, apenas houve duas leitoras que se conderam dos nossos pobresinhos; foi uma senhora da Rua do Freixo e outra de um hospital desta cidade. Ambas ofertaram diversas peças de vestuário. Temos necessidade de arranjar alguns cobertores e peças de agasalho para homem. Pois o nosso protegido dos Guindais, infelizmente, tem os cobertores da sua cama, rôtos e sem conserto. A Conferencia agradece em nome dos pobresinhos àquelas Senhoras e fica esperando mais respostas.

Queremos dar este ano a consoada aos nossos pobresinhos. Por isso solicitamos que os nossos amigos leitores nos ofereçam 5 litros de azeite. Bem sabemos que as condições estão más, mas um pouco dum com mais um de outro e assim sucessivamente deve perfazer os 5 de que necessitamos. Temos nisto muito empenho.

A nossa protegida de Camões tem passado mal durante estes dias de chuva, porque a água cai abundantemente em casa que é uma autentica pocilga. Andamos todos empenhados a procurar alojamento que lhe seja mais higiênico e humano, mas até à data ainda não encontramos nenhum. Aguardemos.

A de Santo Ildefonso está agora com uma pequena infecção num braço. A filha que está no Brasil escreveu-lhe, mas ela disse ao confrade visitador que não lhe mandou nenhum dinheiro.

O dos Guindais está em caminho de tuberculose, pois tem uma grande complicação de doenças pulmonares.

Recebemos esmolas do Snr. Cunha 50\$00 delas melhores de uma doente, do Snr. Francisco Cunha 10\$00, de um senhor da Casa Brito & irmão 32\$50. Bem hajam e que Deus lhes pague.

O presidente
JULIO MENDES.

Está a terminar o 1.º periodo da escola commercial e todos esperam boas notas. O Julio anda bem agarrado aos livros. Mas nem todos copiam esse exemplo. E todos querem dar boa conta de si para poderem continuar os estudos.

Temos recebido muitos pedidos de rapazes para varios estabelecimentos mas as respostas são negativas. Só depois dos exames da escola primaria, pode ser que haja alguém que venha para o lar. Por isso damos a conhecer aos nossos amigos leitores que todos os pedidos feitos para algum estabelecimento, as respostas são negativas visto não haver rapazes para os servir.

Há aqui rapazes que acham coisas na rua e entregam-nas em casa. Há tempos o Despacho foi premiado por ter entregado uma medalha de ouro ao dono. O Avelino ainda há pouco recebeu 50\$00 por entregar ao dono uns valores que achou na rua. Temos agora de anunciar um isqueiro que o Avozinha achou e um vigésimo da lotaria achado pelo Solimana. Quem os perdeu pode procurar na nossa casa.

O cronista
JOSÉ EDUARDO

Agradecimento

E' ao Subsecretário de Estado da Assistencia Social. E' por Ele nos despachar os requerimentos aonde se pede a entrada de anormais nos serviços da Casa Pia. Com dois que foram ontem, já lá estão uns oito deles, das nossas casas.

A presença de imbecis nestas Comunidades, é dôr de cada hora. Quem pode?! Manda-os embora porque imbedis, como se pode?! Haver uma Obra Social que os recebe e educa, aonde as palavras para a enaltecer?!
Os dois eram o Feliciano mai-lo Branquinho. No Instituto verificou-se que o primeiro tem o pensar de 2 anos e meio e o segundo, de 6 anos. Ambos teem 12 anos de idade. O que a gente aqui passou com eles, sobretudo com o primeiro, não é de dizer a ninguem! Eu já não tinha forças para defender por mais tempo os inocentes. Também não podia castigar a malta por causa deles. Até que veio noticia do despacho: *sim*. Muito obrigado Senhor Doutor Trigo de Negreiros.

Nota da Quinzena

Vem a dizer em um órgão de cultura que tenho aqui sobre a mesa de trabalho, que na Inglaterra protestante acaba de se formar a *Liga pró Restauração Monte-Cassino*. A qual é presidida por oito bispos anglicanos, de outras tantas catedrais fundadas e servidas por monjes beneditinos, até aos dias da Reforma. Aonde também entram cinco colégios universitarios de Oxford e Cambridge e quatro abadias. O propósito da Liga, é angariar donativos, especies bibliográficas e tudo o mais que possa ser util à reconstrução do baluarte da Regra.

E' possivel que alguns dos leitores conheçam a noticia e que, ao sabe-la, tenham experimentado a mesma alegria que eu experimentei. E' possivel. Mas como nem todos, certamente, teem tempo de ler revistas aonde estas coisas aparecem, dá-se aqui o acontecimento, para refrescar as almas.

Eu tenho que estas noticias é que são de dar. Elas é que mostram o homem tal qual é;—a creatura mais perfeita que sai das mãos do seu Criador: *Paulo minus ab angelis*.

As outras; as noticias da destruição, como vinham, naquele tempo, se não podiam ser caladas, deviam aparecer de tarja os jornais que as davam. Não a marcar o luto dos mortos, mas sim a insanía dos chamados grandes!

Outro ponto de regosijo comum, é sabermos de onde e de quem partiu esta iniciativa. Os nossos irmãos separados, são irmãos.

Lê-se, ainda, na revista de cultura, a nomeação do actual abade do Mosteiro, o 298.º sucessor de S. Bento, ao qual o Prior deu a posse, num pequenino oratório de tabuças, levantado no pedregulho das ruínas. Ruínas do edificio, já se vê. A Regra não. Essa está intacta.



Crónica do Lar de Coimbra

Quasi todos os grandes homens—aqueles que já abraçaram as estrelas da celebridade,— vieram de baixo. Para ascenderem ao apogeu, lutas mil tiveram de travar, trabalhos arduos e sem fim tiveram de empreender.

Também todos aqueles que queiram ser integrados no mundo dos imortais, terão de dar batalha às vicissitudes da vida.

Para alcançar aquele mundo, que para nós se apresenta como quimérico, é preciso ser-se prodigio. Ser dotado de incombatiavel força de vontade e de profunda intelligencia.

Não podemos no entanto negar, de que nos nossos dias não hajam jovens capazes de satisfazer o exigido, e que lutam gloriamente para empunharem com satisfação o facho da victória pela qual se sacrificam.

Entre nós, no Lar, conta-se um caso dum desses rapazes. E' o Luiz Ferraz, trabalhador e aplicado ao estudo.

De dia, amarra-se ao balcão duma grande casa de automóveis, e de noite, recolhe-se nas aulas da escola Brotero.

Concluiu no ano passado o curso industrial, com uma classificação digna de ser invejada. Este ano, como que não contente com o resultado do ano transacto, ei-lo de novo na escola, mas desta vez, para tirar o curso commercial.

Rapazes como este, com vontade de serem algo para a sociedade e para a Nação, não se contam por muitos.

Devemos pois, render-lhe justa homenagem. Oh! Como seriamos todos mais felizes, se seguissemos o exemplo do Luiz Ferraz.

FILIPINO MARTINS.

Cronista

P.S. Deixou-se passar o elogio, pelo bem que dele pode vir aos demais pupilos do Lar. Quanto ao elogiado, cautela! O Fernão Carvalheira, que foi camarada do elogiado, é muito intelligente e... é o Carvalheira! cautela!

MIRANTE DE COIMBRA

Não são só eles que dão lições. A's vezes também as ouvem de quem menos as esperam.

O silêncio dos sábios

Esta ouvi-a à porta dum tugúrio. Era uma pobre mulher da aldeia que um dia veio parar à miséria da cidade. Tem setenta anos e vai pelas portas vender areia para sustentar a familia. Arrasta-se sobre as pernas cobertas de feridas, desde os catorze anos. Todos os dias lá vai ao hospital, ao curativo, mas nunca maldiz a sua sorte.

Há dias, um pouquinho desalentada por aquele eterno peregrinar, queixa-se ao facultativo.

—Snr. Doutor, há 56 anos que aqui venho. Tantos médicos que há aqui nos Hospitais da Universidade e nenhum atina com a cura desta ferida!

O doutor calou-se. Que humilhação! A ciência que tantas vezes prometeu acabar com a dor, e até com a morte, cruza os braços, emudece.

—A sua ferida, diz-lhe a enfermeira mais avisada, só Deus a pode curar.

—Eu sei. Também Lhe não peço para me curar; só quero que Ele continue, como até aqui, a dar-me paciência para levar a minha cruz.

Desta vez é um humilde estudante de Teologia que fala. Não se contenta com a ciência dos

Uma luz que quer alumiar

manuais nem põe o seu ideal num presbitério confortável

com uma boa *espada* e rendosas cõngruas. Encontrei-o há dias num dos bairros da cidade a percorrer as *ilhas* mais ignóbeis. Pasmava de tanta pobreza mas o coração alvoracava na perspectiva de fazer bem.

Eis uma carta em que confirma as suas aspirações:

«Cada vez compreendo mais que o Padre não deve ser um burocrata. Isso já passou! Creia que cada vez sinto mais o desejo de trabalhar pelos desafortunados. Quem me dera ao menos poder infiltrar-me numa fábrica, desconhecido, e aí fazer bem aos pobres operários... Tem esta por fim renovar o meu pedido de poder trabalhar na *Obra*. Se ao menos V. insinuasse ao Sr. Bispo um lugar para mim onde pudesse ser útil...»

Creio que qualquer Prelado se sentirá ufano de ter entre o seu clero destes corações apóstolos à maneira dos que saíram das mãos do Mestre. Dá-los à *Obra* não é perdê-los, mas sim colocar a luz no candelabro.

P.º ADRIANO

Noticias da Casa de Miranda

No dia 1 de Dezembro, vieram cá os rapazes da Escola, Agrícola de Semide jogar com os gaiatos de Miranda. Logo no começo do jôgo o Venâncio introduziu a bola nas nossas próprias redes, ficando o grupo dos gaiatos tão desanimados, que ao fim da primeira parte perdiam por três-zero.

No fim da segunda parte o desafio acabava com a vitória dos rapazes de Semide por 7-1. O nosso ponto foi marcado pelo Sérgio perto do meio campo. O Sérgio apontou e o guarda-redes de Semide deixou-o entrar propositadamente.

Dos nossos quem trabalhou melhor foi o Sérgio. Dos contrários foi o guarda-redes.

O *Rádio* no fim do jôgo andava a contar a tôda a gente o sucedido. Quando chegou ao pé do cão disse-lhe assim:—O' Leão aquilo é que foi um grande acontecimento memorável, deixei entrar sete *gois*. No fim do jôgo houve um magusto de castanhas, e os rapazes de Semide foram se embora ficando nós de retribuir-lhes a visita daqui a quinze dias.

O Snr. Eduardo de Vila Seca, que é o caniteiro que prepara a pedra para a casa que andamos a fazer, dá sempre de comer aqueles que lá vão busca-la como boi. E' um nosso grande amigo. Trata-os com muito carinho, e ajuda a carregar o carro. Já nos deu uma cabra, dois cabritos, muito azeite e vinho. Apesar de ser pobre, ainda reparte conosco.

Isto é a Casa do Gaiato

TEMOS cá um rapazito cuja idade ignoramos. Idade e quase tudo. A palavra deles é a única fonte de informações e o que eles dizem, nem sempre é a verdade. Quase nunca. E' dos lados da Ribeira, no Porto. O pai andava ós sacos e morreu. A mãe anda por lá. Tem um irmão na tropa e um sapateiro e *tenho mais outro que é meu primo*. Terá 11 anos? O que ele tem é uma presença encantadora, em pleno contraste com o seu porte aqui em casa. Foje da escola. Foje da catequese. Foje do trabalho. Dias há em que somente nos aparece à noite! Já nos fugiu, mas o António carpinteiro, a caminho de Penafiel, deu com ele. Entregou-o a uma mulher do lugar e no regresso, trouxe o fugitivo. Um dia destes, foi encontrado na Casa-Mãe, altas horas da noite, escondido. Tinham desaparecido as chaves da dispensa...! Mandado para a sua casa pelo companheiro que o descobriu, que faz ele? Arreenta os vidros da porta e entra! Terá uns 11 anos? Terá! Como é que nos veio cá ter esta criança?

Um dos nossos, trabalha na Casa Ferreirinha. Ali, dão-lhe a refeição do meio-dia. O pequenino meliante aparece e comparticipa. *Ele dava-me molete*, declara. Foi por aqui que a amizade se entabulou. O nosso, em casa, sempre que eu ia ao Porto, fitava-me: *Deixe-o ir!* E contava o que sabia a seu respeito. Ora aqui está. Veio. Em boa hora veio. Temos feito *tribunais*. Já lhe disse que tem 130 olhos sobre ele e que é inútil tentar fugir a tantas vistas. A seu tempo, ser-lhe-á dito a doutrina do supremo olhar de Deus.

Ele dava-me molete. Pela boca morre o peixe.

Com um molete dão-se a uma criança todos os meios de salvação. Evitam-se trabalhos na sociedade. Faz-se um amigo.

Eu cá digo que, assim como andam brigadas de força em perseguição de criminosos, haviam de andar também brigadas de apóstolos em cata de crianças da rua, para que o não venham a ser. Por *Apóstolo*, não quero dizer o asceta, o penitente, o um entre mil. Não senhor. *Ele dava-me molete*. Aqui está. O nosso *Ferreirinha*, que trabalha na Casa Ferreirinha, ali no Infante, é um apóstolo. Nós andamos todos muito enganados com isto de ser um apóstolo. Liga-se imediatamente a palavra às alturas. Vem logo a alma com todos as suas potências tão altas e transcendentes, que não falta quem fuja deles. Ora o dar de comer a quem tem fome, *também é* porta de grande apostolado no mundo. Porta fácil e eficaz. Porta que não afugenta.

CHEGOU-NOS há tempos um de Caminha. Tem 12 anos muito espigados. Tanto que eu quiz mandá-lo embora e por fim deixei-o, convencido que não seria preciso mandar... Escolheu no dia seguinte a arte de carpinteiro. Lá lhe pareceu, entre tudo quanto cá viu, que os carpinteiros eram os que mais andavam de costinhas direitas. *Pois bem. Serás carpinteiro*. E entregou-o ao António. O rapaz planta-se na oficina de mãos nos bolsos. Houve um tribunal muito mansinho, aonde ele compareceu, ao meio da sala. Ninguém imagina quanto este lugar os humilha! Eles não querem. Encostam-se às mesas! Leu-se a virtude do trabalho e os perigos a que andam sujeitos os que não querem trabalhar. O réu escutou. Todos escutaram e aqui é que está todo o valor do nosso tribunal. Quem sabe o que o nosso Bom Deus quer de todas estas almas de boa vontade? E como é que elas, estas almas, haviam de escutar o *Amigo*, se nunca ouviram falar dele?! O P.º Adriano contou aqui, dum rapazito das *colónias*, que entrava com ele na capela e lhe dissera, que queria ser bom. Dias depois, em Coimbra, morria de desastre!

Pois o nosso réu escutou a lição, mas ele tem 12 anos de idade! Doze anos de rua! Toma

lições, sim, mas d'outra maneira. Agora é o António que lhe dá. Como o rapaz continuasse na mandria, vai o chefe e coloca-se à porta do refeitório, na hora do jantar. A malta entra. *Não entras*. Terrível lição! O réu não entrou. Sentou-se fóra da porta, nos degraus do nosso cruzeiro, a chorar. Sairam. Todos brincam à hora do recreio. O réu está no mesmo sitio, ainda a chorar.

Anda comer, disse-lhe eu. Não vou, não vou, não vou!

Agora e uma lição que o castigado dá ao mundo. Deu-ma a mim. As birras teem tanto de humano como de estúpidas. Na criança, chamam-se assim. No homem feito, mudam de nome. No homem grande, outro nome. Quanto maior a categoria, tanto maiores os estragos, *mas* a essência é precisamente a mesma: tanto de humano quanto de estúpidas.

Senhor do Céu, só a humildade é grande. Ela foi na terra que pisamos a Vossa lição. *Humilhou-se até à morte, e morte de cruz*.

O *Magala* teve bexigas. Bexigas mansas. Ele e outro. Estiveram num quarto particular da casa-mãe à espera da nossa enfermaria geral. Ali, há uma reservada a estes casos. Ora os dois doentes não se davam. Já assim eram antes de adocerem, e logo calhou os dois enfermos malharem no mesmo quarto, camas encostadinhas. Oh trabalhos! Trabalhos deles e trabalhos nossos!

Em baixo, na enfermaria provisória ataca os doentes uma *grande doença*, da qual sou eu o verdadeiro médico. Chamam por mim, muito alto; *ainda não tive boroal* Chamam o toda a hora. Aquele ainda, não é advérbio de tempo; é de quantidade. Querem eles dizer com isso, que ainda não tiveram tanta quanta desejariam devorar. Ora aí está. Eu acudo. Eu acho que a coisa mais adorável em uma casa desta ordem, eu ia a dizer desordem, é ouvir a cada momento, de todos os lados, o apelo da criança: *senhor fulano!* Vem dos campos. Vem dos recreios. Vem das oficinas. E' a voz da fraqueza a chamar pelo poder. E' só para isto que serve o Poder. E' só nestes casos que ele é verdadeiramente *O Poder*. Muitos poderosos se teem enganado e enganam, por não escutarem a tempo a fraqueza que por eles chama.

Trabalham em vão!

Trabalharam em vão!

Gosto que estes pequeninos chamem por mim. Pequeninos para quem tudo e todos teem sido madrastra, não perderam o desejo de serem atendidos. Querem mimo. Querem ser amados. *Dê-me pão*. E eu dou-lhes pão. Do pão que tu me dás.

SÓ agora é que dei fé, ao ler o que esta pra trás, das grandes tiradas de coisas sérias. Tenho medo de que os rapazes me acusem de querer armar. De ser *armante*, como eles se acusam mutuamente e frequentemente. Armar em mestre! Ora não pode ser. Isto é a Casa do Gaiato. Por isso vira-se a página, para dizer o que tem feito aqui em casa a presença de uma grande caixa de chocolates, que alguém, não sei de onde, teve a felicíssima ideia de mandar pelo correio. Está aqui no nosso escritório, para premiar e para castigar. Sim; para castigar. Que admira que estas crianças adorem o chocolate. Se embriaguem com o chocolate. Que admira, se até um senhor da Inglaterra disse mal da nossa dita, só para ficar com todo quanto há em S. Tomé! Oh rico sabór!

Dei agora mesmo dois bonbons ó *Balata* velha.

—Sabes o que isto é?

—Não senhor.

Era vadio dos caminhos. Andava pelas aldeias. Os da cidade são mais espertos. Sabem tudo. Dizem logo, enquanto desembrulham: *é chocolate*.

O *Chegadinho* mai-lo *Zé da cozinha*, acabam de chegar agora mesmo de um recado:

foram levar duas aboboras à Maria *Mócha*. Cunjada de um que foi António *Mócho*, ela é a *Mócha*. Se o marido tem o nome de um animal, a mulher também, em seu gênero; a mulher do senhor Coelho, é a senhora *Coelha*. Aqui é tudo assim.

Mas vamos ao caso. Os dois chegaram, muito contentes da incumbência e disseram da alegria da nossa vizinha pobre. Duas aboboras é uma riqueza. O caldinho de abobora vai bem até sem adubo. Com um salzinho já se come. Isto e coisas assim, ouviram os dois rapazes da boca da socorrida, e vinham muito admirados. Caldo sem azeite! O heroísmo dos pobres! A sua resignação silenciosa!

Nos tempos difíceis que nós atravessamos, quem poderia comer três vezes o dia, comida bem feita, se não fossem as legiões dos que comem caldo sem azeite? *Com um salzinho já se come!*

EU entrei no refeitório à hora do jantar e oiço de várias bocas, ao mesmo tempo: *Olhe*. Olhava, olhava e não via. *E' debaixo da mesa, acolá, olhe*. Tornei a olhar. Que havia de ser? Um cão! Um cão com muita fome, muito magro e manco duma perna! Ora nós já teem cá o *Marão* e o *Nero* e o *Top* pelo que eu levantei a minha voz, fiz silêncio e perguntei se a nossa aldeia é de rapazes ou de cães! *De rapazes; é de rapazes*, foi o grito geral. Muito bem. E' aldeia dos rapazes. Pois então,—*fóra o cão*. O animal, ferveu debaixo das mesas, às migalhas. Dava por qualquer nome que o chamassem. Acudia. Lambia tudo e todos.

O Carlos Inácio, ao escutar o *fóra o cão*, disse imediatamente: *pois sim, mas primeiro encher-lhe a barriga*. E assim fez. A' hora em que me ocupo com esta notícia, não sei aonde pára o cão, mas uma coisa sei, sem perguntar a ninguém. E' que o rafeiro fica. Se não morrer de indigestões é mais um cão. Ninguém faz ideia da imensa actividade destes rapazes, quando se trata de dar de comer aos animais! Mas não pode ser. E' um caso de consciencia. Eu não posso pedir esmolas prós cães. Quem mas dava?!

Ele é muito fácil resvalar quando se trata de cães. Todos nós sabemos das chinesices do hospital e do cemitério e dos saudosos aqui jaz.

Todos nós sabemos, mas isso são aberrações. Aqui não.

O nosso enfermeiro anda actualmente ocupado com injeções de uma tal segunda série, porque da primeira já cada um tomou a sua. Os rapazes não gostam nada de injeções. Não aparecem. Refilem. Ora o enfermeiro, solícito como é, foi às fichas, tirou para um papel o nome dos faltosos e à noite, dá ceia, entrou no refeitório e leu. Leu. Tornou a ler. Dizia o nome inteiro de cada um e olhava em redor. Nada! Ninguém respondeu! Nenhum é conhecido pelo nome que tem. Nem o próprio! Tudo alcunhas. O erro das nossas fichas é não ter à margem o nome de glória.

PEPE solicitou dia e hora para ir ao Porto comprar um fato. Por engraçada coincidência, no momento em que formulava o pedido, vem de fora um envelope com 3 notas de 20\$, de *três amigos do Pepe*, para ajuda do seu fato. SOPA no mel. Juntou este dinheiro ao seu, ganhou aqui na forja, e lá vai Pepe levado, marcar, honestamente, a sua independência. Uma vez no Porto, dirige-se à nossa casa. Almoça com a malta e no fim, pede a um dos presentes, mais autorizado, que o guie a uma casa da especialidade. Levanta-se o *Amandio*, de cabelo loiro, muito lindinho, agora rapado. Ele sabe porquê! Seguiram rua abaixo. Entraram no estabelecimento. *Amandio* apresenta-se, apresenta o freguês e vai imediatamente à sua vida.

Elé trabalha ali perto das Carmelitas.

Pepe diz o que pretende. Escolhe a seu gosto. Paga com o seu dinheiro. No regresso, vem-me contar tudo e mostrar tudo, humildemente. Os senhores os bons senhores da loja de fazendas, quiseram saber muitas coisas dele, Pepe, e da obra. A tudo responde o nosso homem e no fim fizeram-lhe um desconto muitíssimo considerável. Este é o primeiro vdo dos que ganham, no nosso sistema de assistencia. Outros teem comprado algumas peças de roupa branca nas lojas de por aqui. Porém, um fato de categoria na capital do Norte, nenhum. Vai o Pepe de camisola amarela.

Estou muito contente com o sistema do justo salário aos que trabalham, como cá em casa se usa. Começam estes rapazes a ser homens no devido tempo. Dão leis ao mundo. Quebram as algemas de tutelas indesejáveis. *Obra deles, por eles, para eles*. Como não hão-de ter ficado contentes os senhores do estabelecimento, com o negócio dos dois gaiatos, um português e um espanhol? Vê-los. Escutá-los. Apalpar realidades.

Ontem, tudo fugia destes seres perigosos!

UM grupo de visitantes, perguntou a um dos nossos cicerones qual era a casa dos... humedecidos. Os senhores disseram a palavra como ela é, pelo que o cicerone compreendeu imediatamente, e informou. Eles teem ordem expressa para não

falar nem mostrar a dita casa a ninguém. Teem cumprido, sim. Porém, o que de maneira nenhuma se esperava, é que fossem os próprios visitantes a querer desvendarem os segredos da aldeia. Ninguém contava.

A casa é jeitosa e não destoa do conjunto. Fora, arte. Dentro, não falta nada do que lhe é dado. Lá estão as tarimbas e o chuveiro, para fustigar os preguiçosos. O que ali há, é um bocadinho de desordem. Não tem chefe. Ninguém se ofereceu e a gente não tem título para nomear um de fora. E' sacrificio para o qual não estão preparados. Por outro lado, dos da *classe*, já experimentamos nomear um, mas sem resultado. Os *colegas* não obedecem.

Vai-te embora meu...!
Não obedecem.

GOSTARIA muito de relatar aqui o que foi uma bulha no refeitório, entre um dos chefes de mesa mai-lo *Pastelão*, por causa do oleo de fígado de ocahalau. Este, não o queria tomar. Aquele, queria que ele o tomasse.

—Mas isso é que tomas.

—Mas isso é que não tomo.

Gostaria, sim, mas tinham os mais uma *storinha* a juntar às mais histórias, com desagrado de alguns senhores, conforme o *Amandio* conta. Ora o que se pretende é que o jornal seja a contento dos senhores. Vou pedir colaboração; *fundos* que sejam um tratado completo, exgotadores de matéria.

Assinaturas pagas

Desta feita, veio uma pancadaria de novos assinantes, todos com dinheirinho na mão. Candeia que vai à frente... Estes simpáticos assinantes, é que suprem a falta de quem devolve, e eles são tantos! Pois é verdade; um pancadaria de novos assinantes. De onde? Da Beira. Da cidade da Beira, terras de Manica e Sofala. Aqui na Beira já é muito conhecido e lido com carinho e entusiasmo, vinha a dizer a carta que trazia a lista. Mais entusiasmado fiquei eu com a noticia. O Gaiato na Beira, —a porta das Rodeias e da Nissalandia! Um bocadinho de história: Era de uma vez uma data de portugueses que deram em descobrir mundos. Descobriram. Descobriram tudo, depois do que resolveram sentar-se em Lisboa a comer o doce fruto das suas descobertas. Andaram os anos e mais anos, e tudo por lá estava ao deusdará. Eram terras portuguesas, desocupadas, e nada mais. Ora aconteceu naquele tempo, que certos senhores, começaram a olhar e a cubigar as terras desocupadas. Tanta largueza sem dono, teriam eles dito! E a gente a preciasar de largueza, —sobretudo de uma portinha que dá pró mar... Aqui é que era. A cubiga estava aqui. A Beira era a porta e o porto. Foi então que os portugueses acordaram e lançaram-se na conquista do que nos pertencia.

Muito ficou Portugal a dever ós cubigosos! Por causa deles, é hoje verdadeiramente nosso o que parecia ser e era tido por terras de ninguém. Muito lhes deve O Gaiato! Sim; sem o aguilhão-sinho da sua cubiga, não teria sido possível haver hoje na Beira quem se importasse com o sangue derrancado destes portugueses.

Aqui deixei os meus cumprimentos postumos à Chartred, aos zelosos missionários da African Lakes, aos grandes da Rainha Victoria, et coetera, et coetera, et coetera.

O que eu agora mais preciso é de assinantes. Mais assinantes, muitos assinantes.

António Pereira, Alentejo-Corte Condessa-Quintas, 100\$; Maria Augusta de Osório Cabral, Sovolide-Viscu, 20\$; Major Luis Borges Júnior, Vila Real, 20\$; Padre José Corrêa de Sá-2 anos-Alfente-Lisboa, 100\$; Raúl Nunes Frade, Beira, 250\$; Maria Amélia Serra de Matos-2 anos-Braga, 50\$; João do Rio Bizarro Teles, Ilhavo, 20\$; Maria Valença, Braga, 100\$; Paulina Cardoso de Figueiredo, Côja, 25\$; Ricardo Ivens Ferraz Jardim, Lisboa, 100\$; Moria Amélia Franco da Silva Fialho-Freisia-Oeste-Tôrres Novas, 40\$; Henrique de Oliveira, Porto, 100\$; Mariana José Reis, Porto, 60\$; Luis Fernando Garcia Nunes-Barrancos, 30\$.

Rosa de Matos dos Santos Leite, 50\$00; José Maria Dias da Cruz, 25\$00; Maria Augusta Fernandes Lima, 20\$00; Rosa Gonçalves Lopes, 25\$00; todos de Cumos-Esposende. Alberto Bogonha, Foz do Douro, 100\$00; Maria Helena Caravana Lamas de Oliveira, Espinho, 20\$00; Arminda Augusta de Lencastre-2 anos-Oliveira do Hospital, 40\$00; Belmiro Mendes de Oliveira, Guimarães-2 números-20\$00; Júlia Pais de Paiva, Lourenço Marques, 50\$00; Maria Julieta de Palhares Falcão, Coimbra, 20\$00; D. Augusta da Fonseca Tavares, Portela de Cambres, 50\$00.